

Socialidade em rede: a tribalização no cotidiano das comunidades virtuais

Marina Magalhães de Morais¹

Resumo

Com a proposta de refletir acerca da transferência das comunidades para a realidade do ciberespaço, este artigo utiliza como ponto de partida os conceitos de cotidiano, cibernsocialidade e tribalização. Distante da pretensão de contemplar todos os aspectos das comunidades virtuais existentes no Orkut ou nas demais redes virtuais de relacionamento, o estudo procura contextualizar as novas formas de relações sociais cotidianas inseridas na esfera da revolução tecnológica da era pós-moderna.

Palavras-chave: Cibersocialidade. Cotidiano. Tribalização.

Considerações Iniciais

Muito se discute sobre o conceito de cotidiano, sua relação com a mídia e as construções sociais. Mas foi a partir de Lefebvre (1991) que a vida cotidiana ganhou uma análise pelo viés filosófico. A idéia de cotidianidade, para o autor, é a transformação do cotidiano vista como possível em nome da filosofia. Um pensamento que contraria os filósofos em geral, que mantém a tradição filosófica de consagrar a separação entre o fútil e o sério, apartando “o Ser, a Profundezza, a Substância” dos “fenômenos, o superficial, as manifestações”.

Lefebvre afirma que o cotidiano, como conjunto de atividades em aparência simples, como conjunto de produtos e de obras bem diferentes dos seres vivos, não se resumiria àquilo que escapa aos mitos da natureza, do divino e do humano.

Esse campo, esse domínio não se resumiria nem a uma determinação de subjetividade dos filósofos, nem a uma representação objetiva (ou “objetal”) de objetos classificados em categorias (roupas, alimentação, mobília etc). Seria algo mais: não uma queda vertiginosa, nem um bloqueio ou obstáculo, mas um campo e uma renovação simultânea, uma etapa e um trampolim, um momento composto de momentos (necessidades, trabalho e diversão – produtos e obras – passividade e

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UFPB.

criatividade – meios e finalidade etc), interação dialética da qual seria impossível não partir para realizar o possível (a totalidade dos possíveis). (LEFEBVRE, 1991, p.20)

Frente às idéias de análise crítica do cotidiano pela realização do racional proveniente da orientação hegeliana e marxista, e de análise e transformação do cotidiano pela visão em perspectiva nietzschiana, o autor formula novos dilemas: uma reflexão filosófica sobre o assunto fortaleceria as instituições, as ideologias existentes – Estado, igreja, sistema filosófico, organização política – consolidando o cotidiano sobre o qual se mantém essas estruturas? Ou relativizar essas entidades valorizando o que elas depreciam ou sobre o qual elas se sustentam, considerando apenas um resíduo: o cotidiano?

Partindo do conceito de cotidiano de Lefebvre e dos dilemas levantados pelo autor, propomos uma reflexão sobre o último questionamento relativizando a importância das entidades para colocar em primeiro plano uma característica fundamental desse resíduo: a construção das relações sociais na vida cotidiana.

Tribalismos

Se considerarmos que o homem sente a necessidade de se comunicar desde o início dos tempos, também observamos que essa relação de interação social característica dos seres humanos vai além da simples manifestação para contato, segundo o sociólogo francês Maffesoli (1987). Esta socialidade torna-se responsável pela formação de grupos de pessoas com idéias, preferências ou perfis em comum.

O autor explica que, levado por esta pulsão agregadora, o indivíduo é o protagonista de uma ambivalência que o incita aderir ou participar de pequenos conjuntos viscosos que definidos por ele como tribalismo.

...a existência social está alienada, submissa às injunções de um Poder multiforme. Não deixa de ser verdade, no entanto, que existe uma potência afirmativa, a qual, apesar de tudo, repete o “jogo (sempre) começando do solidarismo ou da reciprocidade”. Trata-se de um resíduo que merece atenção. (...) Conforme as épocas, predomina um tipo de sensibilidade, um tipo de estilo destinado a especificar as relações que estabelecemos com o outro. (MAFFESOLI, 1987, p. 101)

A idéia de tribalismo conceituada por Maffesoli é resumida como uma conseqüência da vontade de estar junto, onde o que importa é o compartilhamento de emoções em comum (LEMOS, 2005, p.63). Essas afinidades vão formar o que o pensador francês identifica como cultura do sentimento, relações tácteis e grupais de empatia. Ele defende que a *persona* só existe em relação ao outro, agregando-se, e por isso tem necessidade da tribo, para se constituir com o outro, pelo outro e no outro.

Com o passar dos anos e das mudanças tecnológicas, as formas de comunicação e interação social entre os homens também foram se aprimorando, provocando uma breve ruptura com os fenômenos de identificação e agrupamentos sociais anteriores. Conforme a teoria de McLuhan (1969), a escrita, e depois, a imprensa, teriam destribalizado o homem. Parte dessa nova ordem comunicacional teria vindo dos livros e do jornalismo impresso, considerado pelo autor uma tecnologia do individualismo, caracterizada como um meio que se lê só, em silêncio e para si.

No final do século XX, as novas tecnologias revolucionaram os meios de comunicação, abrindo um leque de possibilidades de interação social planetária através das redes telemáticas. Lemos (2005) destaca que, ainda na década de 60, McLuhan previa os sinais da formação de uma nova organização que resolveu denominar “Aldeia Global”, quando anunciou que a eletrônica e, mais tarde, a multimídia, poderiam ajudar na criação de novas formas de tribalização.

Os computadores em rede parecem ir na direção oposta àquela da cultura do impresso, estando mais próximos do tribalismo anterior à escrita e à imprensa. Podemos dizer que a dinâmica social atual do ciberespaço nada mais é que esse desejo de conexão se realizando de forma planetária. Ele é a transformação do PC (*Personal Computer*), o computador individual, desconectado, austero, feito para um indivíduo racional e objetivo, em um CC (Computador Coletivo), os computadores em rede. Assim, a conjunção de uma tecnologia retribalizante (o ciberespaço) com a socialidade contemporânea vai produzir a cibercultura profetizada por McLuhan. Parece que a homogeneidade e o individualismo da cultura do impresso cedem, pouco a pouco, lugar à conectividade e à retribalização da sociedade. (LEMOS, 2005, p.71)

Com base na análise das mudanças sociais a partir dos avanços tecnológicos, acompanhando o processo inicial histórico de tribalização; logo adiante, de destribalização, e hoje em dia de retribalização dos homens, propomos a investigação da formação dessas novas comunidades dentro do contexto da cibercultura.

Cibecultura e ciberespaço

Pierre Lévy (1995), explica a cibercultura como um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o ciberespaço. O termo, que para ele, também define um novo meio de comunicação fruto da interconexão mundial dos computadores, não se limita apenas à infra-estrutura material da comunicação digital, mas contempla todo o universo de informação que ela agrega, incluindo os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

A nova lógica das relações sociais a partir do surgimento da Cibercultura trouxe o que Lemos (2005) convencionou chamara de “um mundo operante”. Além abertura de um novo canal de comunicação, o autor destaca elementos que sinalizam um processo de democratização da informação.

A cibercultura vai se caracterizar pela formação de uma sociedade estruturada através de uma conectividade telemática generalizada, ampliando o potencial comunicativo, proporcionando a troca de informações sobre as mais diversas formas, fomentando agregações sociais. O ciberespaço cria um mundo operante, interligado por ícones, portais, sítios e home pages, permitindo colocar o poder de emissão nas mãos de uma cultura jovem, gregária, que vai produzir informação, agregar ruídos e colagens, jogar excesso ao sistema (LEMOS, 2005, p.86).

O termo ciberespaço, conforme recorda Lemos (2005), foi inventado pelo escritor *cyberpunk* de ficção científica William Gibson no seu romance *Neuromancer* de 1984. Para Gibson, o ciberespaço é uma “alucinação consensual”.

A Matrix, como o escritor denomina, é a mãe, o útero da civilização pós-industrial onde os cibercultas das mais diversas tribos vão penetrar, em busca de interações sociais e informações. A Matrix de Gibson, como toda a sua obra, segundo o

pesquisador, faz uma caricatura do real, do cotidiano.

O terreno do desenvolvimento dessa nova forma de relação espaço-tempo, que foi decisiva para a caracterização de uma condição social retribalizada, segundo Lemos, é a pós-modernidade.

O desenvolvimento tecnológico sempre esteve imerso no imaginário social. Podemos pensar a história do desenvolvimento tecnológico em três grandes fases: a fase da indiferença (até a Idade Média) – que misturava arte, religião, ciência e mito, sem separar a técnica como realidade em si, independente das outras esferas da cultura –; a fase do conforto (modernidade) – marcada pelo progresso tecnológico e racionalização (aqui, o olhar sobre a técnica é o olhar do tecnocrata que, em uma mistura de coragem e fascinação, explora, domina, territorializa o espaço e o tempo) – e a fase da ubiquidade (pós-modernidade), da comunicação e da informação digital, permitindo escapar do tempo linear e do espaço geográfico (LEMOS, 2005, p. 52).

Para Maffesoli (1995) é essa noção de pós-modernidade que descreve com maior propriedade o momento complexo e paradigmático pelo qual a sociedade passa; resgatando uma antiga necessidade de querer "estar-junto", se reunir em tribos e viver o momento (presenteísmo). Dessa vez, os recursos utilizados são os da mídia digital, como as comunidades virtuais, que fazem com que as pessoas se relacionem dentro do espaço virtual e muitas vezes tenham vontade de trazer essa relação social para a própria realidade.

Comunicação: das tribos reais às virtuais

Com a “globalização do local e localização do global” possibilitada pela revolução tecnológica, passamos a viver em um ambiente social onde a dimensão estética e hedonista impregna todos os aspectos da vida contemporânea. O presenteísmo definido por Maffesoli (1995) também se reflete nessa forma de interatividade voltada para o agora, caracterizada pela velocidade de comunicação em tempo real.

Contudo, quando observamos os registros sobre o comportamento das primeiras civilizações, percebemos que nem sempre foi assim. McLuhan (1969) lembra que nas primeiras formas de tribalização, a linguagem oral era incorporada como instrumento fundamental e indispensável para a comunicação e para a sobrevivência social. Por conta disso, as primeiras comunidades organizavam ritos onde todo o conhecimento

adquirido era armazenado na memória das pessoas e a única maneira de repassá-lo era através destes momentos, passando de geração a geração para que as descobertas pudessem ser levadas adiante. Assim, o processo de comunicação encontrava limitações, pois dependia da memória dos anciãos para transmitir os padrões culturais às gerações futuras.

Após a invenção da prensa no século XV, criada por Gutenberg, a mídia impressa difundiu-se, proporcionando às pessoas um modelo de comunicação individual, diferente dos encontros de outrora descritos por McLuhan, gerando um paradigma centrado na individualidade.

Considerando que os indivíduos estavam agrilhoados à vida da tribo, uma vez a sobrevivência cultural resultava daquelas informações oriundas dos mais velhos, a escrita realmente proporciona um rompimento dos laços tribais, libertando o homem da dependência direta aos ancestrais e pondo à sua disposição um vasto patrimônio de experiências, conservando sob a forma de registros gráficos (MELO, 1998, p.227).

Esse processo de “detribalização” através da mídia impressa, como mencionamos nas Considerações Iniciais, caracterizava-se pela forma de utilização individualista dos meios. Só que, na evolução das vias de comunicação, após a passagem do modelo formal de comunicação para o modelo da comunicação de massa, vemos uma nova ruptura de modelo com a chegada das redes de comunicação informatizadas em meados do século XX, provocando mudanças estruturais que transformaram definitivamente as sociedades modernas.

A cada época da história da humanidade corresponde uma cultura técnica particular. (...) As principais características da sociedade de comunicação (chamada também de sociedade da informação ou informacional), onde a saturação dos ideais de modernidade (razão, progresso, futuro, etc.), aliada às novas possibilidades da microeletrônica, parece proporcionar o surgimento de novas formas de sociabilidade (LEMOS, 2005, p. 15).

Tribalização na nova ordem cultural

A nova ordem cultural batizada pelos autores como cibercultura, nasceu nos anos 50 com a informática e a cibernética e popularizou-se na década de 70. Segundo o

autor, com a fusão das telecomunicações analógicas com a informática, possibilitando a veiculação sob um mesmo suporte – o computador – de diversas formatações de mensagem. Para ele, esta revolução digital implica, progressivamente, a passagem dos *mass media* (cujos símbolos são a TV, o rádio, a imprensa, o cinema), para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação.

O estabelecimento total da cibercultura, de acordo com Lemos, teria ocorrido nos anos 80 e 90, em 80 com a informática de massa e em 90 com as redes telemáticas, principalmente com o *boom* da internet.

A associação da cultura contemporânea às tecnologias digitais trouxe à tona a telepresença, os mundos virtuais, o tempo instantâneo, a abolição do espaço físico, em suma, todos os poderes de transcendência e de controle simbólico do espaço e do tempo. E ainda transferiu, para essa realidade virtual, um novo paradigma de interação social definido por Maffesoli como cibernsocialidade.

Para uma melhor compreensão, o autor denomina como socialidade as práticas cotidianas efêmeras, enraizadas no presente, isto é, multiplicidade das experiências banais coletivas descomprometidas com a homogeneização, institucionalização ou racionalização da vida de todo dia. Já o conceito de sociabilidade, para Maffesoli, caracteriza as relações institucionalizadas e formais de uma determinada sociedade. Essa cibernsocialidade, portanto, seria sua definição para a atual socialidade em rede na qual internautas do mundo inteiro se relacionam a todo o momento.

Comunidades Virtuais

De acordo com Lemos (2005), a cibercultura, pela socialidade maffesoliana que nela atua, parece, antes de isolar indivíduos terminais, colocar a tecnologia digital contemporânea como um instrumento de novas formas de sociabilidade e de vínculos associativos e comunitários.

Este (o ciberespaço), enquanto forma técnica, é ao mesmo tempo, limite e potência de uma estrutura social de conexões tácteis, que são as comunidades eletrônicas (chats, MUDs e outras agregações eletrônicas). Em um mundo saturado de objetos técnicos, será nesta forma técnica (as redes telemáticas) que a vida social vai impor o seu vitalismo. As diversas manifestações contemporâneas de cibercultura podem ser vistas como a expressão quotidiana da vida que se rebela contra as formas instituídas e cristalizadas. Segundo Maffesoli, aí está

mais um conceito importante para compreendermos a socialidade: estaríamos assistindo à passagem (ou a desintegração) do indivíduo clássico a (na) tribo. (LEMOS, 2005, p.83).

O expoente desse novo agrupamento de indivíduos em torno de uma atividade comum, de uma paixão compartilhada, como descreve Maffesoli (1987), vai ser marcado por um imaginário dionisíaco (sensual, tribal), além de prerrogativas puramente instrumentais. Podemos ver exemplos nas diversas situações que marcam a cadência das ações minúsculas do presente. Ele aponta as novas tecnologias como um papel muito importante nesse processo, que ao invés de inibir as ações lúdicas, comunitárias e imaginárias da vida social, vão agir como vetores potencializadores dessas situações, da socialidade.

Isto mostra, na concepção de Lemos (2005), que a tendência comunitária (tribalismo), a ênfase no presente (presenteísmo) e o paradigma estético (ética da estética) podem potencializar e ser potencializados pelo desenvolvimento tecnológico. E é justamente nas comunidades virtuais eletrônicas que ele destaca a aplicabilidade do conceito de socialidade definido por ligações orgânicas, efêmeras e simbólicas.

M. Godwain elenca nove princípios fundamentais para a coesão de comunidades virtuais, entendendo-se estas como qualquer forma de agregação social por redes telemáticas. São eles: o uso de softwares que permita discussão em grupo, a ausência de limitação em trocas de mensagens, a possibilidade de acesso para pessoas diversas, a possibilidade de deixar que os usuários resolvam seus problemas, a promoção de uma memória da comunidade; a promoção de áreas para crianças; e a confrontação dos usuários nas crises das comunidades. (LEMOS, 2005, p.149)

Com as novas ferramentas tecnológicas, o tribalismo também toma uma nova forma. A partir da facilidade de interação nas redes virtuais em sites de relacionamentos como o Orkut, Messenger ou IRC (Internet Relay Chat), que permite a profusão de mensagens instantâneas em salas de bate papo temáticas no mundo inteiro, surgem agrupamentos sociais dos perfis mais diversos.

A jornalista Tiraboschi (2008) chama a atenção para a diversidade deste fenômeno. Em uma pesquisa realizada em chats e redes de relacionamento, ela encontrou o que decidiu chamar de “lado sombrio da internet”, ou seja, comunidades

voltadas especificamente para discussões de temas como incentivo à pedofilia, anorexia, uso de drogas, suicídio e até instruções para a prática de crimes.

“Aquelas pessoas estavam habituadas a discutir métodos de suicídio e dividir experiências traumáticas, como desemprego, fins de relacionamento, abuso sexual, vício em drogas e doenças terminais”. (TIRABOSCHI, 2008, p.42).

Para a pesquisadora, no entanto, não se trata de demonizar a rede por conta de apenas uma parcela de usuários dentro desse universo de comunidades virtuais.

Ela (a internet) apenas facilita a conexão entre as pessoas, sejam amantes de bolo de cenoura ou suicidas potenciais. Esses sites permitem que pessoas passando pelas mesmas experiências se encontrem mais facilmente. Mas as comunidades virtuais também são um meio rápido, eficiente e abrangente de divulgar conceitos e preconceitos. (TIRABOSCHI, 2008, p.43).

Considerações Finais

A compreensão do conceito de tribalização pode servir como base para uma análise crítica sobre as novas formas de organização social dentro do ciberespaço. Com as inovações tecnológicas da era industrial moderna, com o advento da imprensa, as civilizações, antes tribalizadas através de uma comunicação produzida exclusivamente pela oralidade, romperam com o modelo de comunicação formal e passaram a absorver formas de comunicação mais individualistas, apropriando-se da mídia impressa.

Porém, a criação de novos meios de comunicação como o cinema, o rádio, a televisão e o telefone e a internet, a partir do século XIX, culminou no surgimento de um novo espaço – o ciberespaço, transferindo as relações sociais para uma nova realidade: a virtual.

As redes telemáticas, estopim da evolução tecnológica nas formas de interação social, provocaram o que McLuhan profetizou como uma nova aldeia global. A mídia digital, através desse espaço virtual, propõe uma nova maneira das pessoas se reunirem em tribos, criando vínculos através das comunidades virtuais ou não.

Pierre Lévy (1995) endossa a teoria de que mídia digital traz à tona uma nova maneira das pessoas conviverem, mas faz um alerta:

(...) compreender o lugar fundamental das tecnologias da comunicação e da inteligência na história cultural nos leva a olhar de uma nova

maneira a razão, a verdade, e a história, ameaçadas de perder sua preeminência na civilização da televisão e do computador. (LEVY, 1995, p.87)

Sob a luz de Godwin, Lemos e Tiraboshi, apresentamos diversas formas de tribalização no universo do ciberespaço, desde a formação de grupos empenhados em discussões para auto-ajuda e espaços virtuais para a interação de crianças, até o lado mais obscuro da rede, com o agrupamento de pessoas com ideais, práticas ou intenções criminosas.

Se nós relacionarmos a teoria de Maffesoli, que afirma a necessidade humana de “estar-junto” ou viver em tribos, ao discurso de McLuhan, que profetizou o resgate da tribalização característica das primeiras civilizações através dos avanços tecnológicos, comprovamos na fenomenologia da realidade virtual contemporânea a validação dos dois discursos. Mesmo sem deixar de perceber as mudanças nas formas das relações sociais das tribos de antigamente para as comunidades virtuais de hoje, convidamos para uma nova reflexão: o instinto que nos leva a formar grupos não continua sendo o mesmo das civilizações pré-históricas?

Referências

- LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sullinas, 3ª edição. 2007.
- LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- MAFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. RJ: Forense, 1987.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MELO, José Marques de. **Subdesenvolvimento, urbanização e comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- TADESCO, José Carlos. **Paradigmas do Cotidiano: Introdução à constituição de um campo de análise social**. Passo Fundo: UPF, 2003.
- TIRABOSCHI, Juliana. **Do_Mal.com: o lado sombrio da internet**. Revista Galileu. Editor Globo, Abril de 2008.